

VV. AA. (2010) *Diálogos Ibéricos e Iberoamericanos. Actas del VI Congreso Internacional de ALEPH*. Lisboa: Academia Editorial.

O VI Congresso Internacional ALEPH, Asociación de Jóvenes Investigadores de la Literatura Hispánica, celebrou-se na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, entre o dia 27 e 30 de Abril de 2009. Esta associação integra jovens investigadores não doutores que se dedicam à investigação no âmbito das literaturas espanhola, latinoamericana e as restantes literaturas ibéricas e iberoamericanas, bem como as relações que se estabelecem entre elas. Para além dos membros desta associação, o congresso contou também com a colaboração de outros especialistas já academicamente reconhecidos e com interesse nas caminhadas realizadas no âmbito das relações entre as culturas ibéricas. Abrangendo a diversidade da literatura hispânica e convergindo nas comunicações que se criam, o tema proposto foi, pertinentemente, escolhido: *Diálogos Ibéricos e Iberoamericanos*. Designação, aliás, do projecto criado em 2008, pertencente ao grupo de investigação LOCUS, do Centro de Estudos Comparatistas da FLUL. Este projecto tem como objecto de estudo as relações estabelecidas, justamente, entre as literaturas ibéricas e iberoamericanas, com maior enfoque no período entre os séculos XIX e XXI. De uma perspectiva comparatista, identificam-se os diálogos existentes considerando: “a leitura crítica e a tradução de textos literários; a reflexão ensaística sobre as semelhanças e as diferenças entre as diversas literaturas e culturas; a tematização de questões de identidade em obras de arte e, genericamente, em produções culturais relevantes”. A edição das actas foi levada a cabo, precisamente, por vários membros que desenvolvem o projecto.

Antes de prosseguir com os detalhes das *Actas* que merecerão destaque nestas linhas é necessário fazer algumas observações. Primeiro, referir que o âmbito desta recensão crítica não é apenas divulgar a inegável qualidade deste volume, mas também dar conta do ponto da situação dos estudos ibéricos e, por esta razão, teremos de deixar, de momento, os estudos iberoamericanos, também trabalhados com o maior rigor e interesse no volume tratado. Segundo, lembrar que, pela dimensão das *Actas* (76 textos), não será possível mencionar a totalidade dos autores, portanto, ainda que todos sejam dignos de referência, mencionam-se os mais representativos. E, por último, devido à variedade de temas existentes, assinalar a formação de dois tipos de agrupamentos dos ensaios: por etapas cronológicas (da Idade Média à Contemporaneidade) e por questões gerais, como contactos literários e culturais, tradução, recepção e reflexões teóricas.

Debrucemo-nos, então, sobre o volume exposto. Notavelmente prefaciado pela Professora Doutora Ângela Fernandes (também coordenadora do projecto DIIA), e magistralmente constituído pelos ensaios, este é mais uma confirmação da inevitabilidade e da relevância dos estudos das relações ibéricas. Fazendo um balanço geral, averigua-se que as tendências maioritárias estão compreendidas entre os séculos XIX e XXI, verificando-se uma maior incidência no século XX, com 53 textos. Por sua vez, os períodos literários menos representados são a Idade

Média e o século XVIII. Poder-se-á também dar conta das literaturas mais e menos tratadas neste volume: a Literatura Espanhola é a mais representada, já a Literatura Basca aquela a que se dedicam menos ensaios.

Atendendo ao primeiro agrupamento proposto, detemo-nos em cada etapa literária estudada. As épocas literárias e os autores que se apresentam percorrem caminhos literários da Idade Média à Contemporaneidade. Começando pela Idade Média, merecem destaque: o estudo de C. Alvar, *Portugal y España: encuentros y desencuentros literarios en la Edad Media*, que, através da Literatura Medieval, nos comprova que “se puede seguir un largo camino de común enriquecimiento cultural de los dos reinos” (p. 35); e o de S. Sousa, *Diálogos ibéricos en el ‘Cancioneiro Geral’ de Garcia de Resende*, no qual a poesia cancioneril peninsular serve de mote para dar conta das estreitas relações das coroas de Portugal e Castela.

Quanto à Idade Moderna, parecem-nos merecer realce: o trabalho de T. Araújo, *El romancero en el teatro peninsular de los siglos XVI y XVII: su presencia en la dramaturgia portuguesa*, cuja intenção é mostrar como “el fenómeno de intertextualidad del teatro portugués con el romancero reserva sorprendentes significados para la comprensión de las obras dramáticas y del acto creador de estos siglos” (p. 70); e o de V. Anastácio, *Portugal y Cataluña en la guerra de papel y tinta*, onde revela a Ibéria como “mosaico de distintas culturas” (p. 64), tomando um momento histórico que reúne “en un esfuerzo semejante de autonomía y legitimación, dos comunidades de los extremos de la Península” (p.66). O Renascimento e o Barroco ficam, assim, representados. O século XVIII tem pouca expressão nos ensaios expostos. E o século XIX, com forte presença nesta etapa, tem como exemplos mais representativos os ensaios de G. Márquez Fernández, *Andalucía, jardín abandonado: de la mirada catalana al regeneracionismo español*, em que traça a paisagem andaluza a partir da visão do artista catalão, Santiago Rusiñol; e de S. Cantalapiedra Delgado, *Josep Yxart: diálogos ibéricos entre la crítica teatral madrileña y la catalana*, que analisa a decadência do teatro espanhol e consequente regeneração, expondo como determinante o trabalho e o empenho do crítico teatral, Josep Yxart.

Relativamente aos séculos XX e XXI, julgamos justo pôr em relevo: o estudo de A. Calderón Puerta, *José María Merino y Bernardo Atxaga: la metamorfosis de la identidad en los relatos de la Península Ibérica hoy*, que, de uma perspectiva comparatista, decompõe o género fantástico na literatura dos séculos aqui considerados; o de M. P. Cornejo Ibares, *‘Las largas vacaciones de Oliveira Salazar’ de Manuel Martínez Mediero: diálogo entre dictaduras*, no qual são estudados os “paralelismos entre ambas dictaduras como elemento compositivo en la creación de la obra del autor extremeño” (p. 343); e o de I. Rodríguez Moranta, *Gregorio Martínez Sierra y el diálogo cultural entre Castilla y Cataluña en el inicio del siglo XX*, onde nos oferece uma imagem do escritor castelhano como entusiasta das letras catalãs e criador de pontes de diálogo entre ambas as culturas, “en un periodo de frecuentes desencuentros entre Cataluña y Castilla” (p.829).

Podemos notar que nos estudos sobre este período houve um declínio no tratamento das relações entre Portugal e Espanha, tendo em conta o *corpus* apresentado.

No que respeita aos ensaios que integrariam o segundo conjunto proposto, apresentamos como ilustrativos dos contactos literários e culturais: *‘En Tránsito’: cultura y literatura gallega en Madrid*, de B. Regueiro Salgado, que, muito claramente, nos dá a conhecer “el mapa gallego de Madrid”, cidade aqui encarada como “patria común, a la que cada cual lleva su cultura y sus costumbres y la desarrolla y enriquece” (p. 774); *Miren Agur Meabe y María Josep Escrivà: dos poét(ic)as a través de ‘El Código de la Piel’*, de B. Pozo Sánchez, que se empenha em analisar os diálogos literários entre as duas poetas e em encontrar “la conexión íntima de sus poéticas” (p.765); e *Literariamente lisboetas. El viaje como diálogo*, de N. Carrasco Arroyo, que nos revela as “impresiones lisboetas” (p.287) descobertas por importantes escritores espanhóis, num período de auge parisiense. Estes contactos também se afiguram através dos estudos de tradução e de recepção, dos quais são notórios os seguintes: de V. Sánchez Ramos, *Seis antologías de poesía portuguesa publicadas en España*; de X. Nuñez Sabaris, *Eça de Queirós en Valle-Inclán*; e de A. Sáez Delgado, *Nota sobre la recepción de Fernando Pessoa en España*. Finalmente, há que referir ainda os ensaios mais representativos da reflexão teórica sobre as relações ibéricas: o de G. Magalhães, *Memoria de la amnesia ibérica*, que nos espicaça com as suas interrogações e propostas e desenvolve “una reflexión (una memoria) sobre algo que siempre se olvida (una amnesia): los estudios comparados luso-españoles” (p.85), lembrando que há uma consciência ibérica que não podemos ignorar e um caminho valioso já percorrido por vários estudiosos; e o de M. F. Abreu, *‘Con fuerza y maña remando’, cruzan fronteras los pícaros*, em que considera este congresso como “prueba cabal de que en Portugal hay hispanistas y hay hispanismo” (p.12) e adverte-nos para o que nos parece ser de extrema importância: “la verdad es que haberlos tampoco es de hoy sino de hace mucho – más o menos explicitados, más o menos escondidos” (p.13). Todos estes críticos, embora focalizem o seu estudo em períodos literários distintos e adoptem diferentes tradições peninsulares, reflectem sobre aquilo que foram e que são os diálogos entre elas e coincidem num ponto: o que não resultou no espectro político resulta, seguramente, num espectro cultural. São estas reflexões que completam o entendimento desta questão.

Neste sentido, as *Actas* configuram-se como uma cativante descoberta do que tem vindo a ser construído nestas relações ibéricas e, portanto, como um sinal vital das mesmas no século XXI. Deste modo, torna-se necessário dizer que não se tratou de uma ambição repentina, em pleno ano 2010, de focar as atenções para o tema –corroborando, assim, o que já lembraram os últimos ensaístas mencionados–, trata-se, sim, de um desenvolvimento gradual desta área de estudos. Prova disso é a edição de alguns volumes nos últimos anos, os quais mencionarei em seguida, fazendo um levantamento de títulos relevantes para a constituição deste tema. É o caso do livro de Teresa Araújo, *Portugal e Espanha:*

*diálogos e reflexos literários* (Faro, Centro de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade do Algarve – Instituto de Estudos sobre o Romancelheiro Velho e Tradicional, 2004). Os *Estudos de Literatura Comparada Luso-Espanhola* (Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2005), de António Apolinário Lourenço. Também de Gabriel Magalhães, que publica *Estar Entre* (Salamanca, editorial Celya, 2007), no qual se dedica, principalmente, à análise dos contactos entre as literaturas portuguesa e espanhola no século XIX. O volume *Aula Ibérica: Actas de los Congresos de Évora y Salamanca (2006-2007)* (Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2007), com edição de Ángel Marcos de Dios. Outro exemplo é *A construção do outro: Espanha e Portugal frente a frente* (Tübingen, Calepinus Verlag, 2008), por Tobias Brandenburg, resultado do colóquio homónimo, organizado no mesmo ano, na Universidade de Basileia. Ou ainda as actas do *II Simposi sobre traducció i recepció en la literatura catalana contemporània, Llengua Literària i Traducció (1890-1939)* (Lleida, Punctum & Tricalt, 2009). E por fim, em 2010, surge a revista *Capicua – uma ponte entre as letras catalãs e portuguesas*, em edição bilingue, que é criada com o intuito de “promover a cultura em língua catalã em Portugal e a portuguesa nos territórios onde se fala catalão”, reunindo o melhor das duas literaturas.

Estes recentes estudos (e outros que ficaram por mencionar) dão alma a estas relações que são, na sua génese, inevitáveis (pela geografia comum, a história cultural partilhada, as semelhanças linguísticas, etc). Apesar de todas as possíveis contrariedades – inclusive no âmbito universitário e surgidas, por exemplo, pelo facto de serem línguas minoritárias e de viverem, muitas vezes, à sombra das línguas e literaturas consideradas de prestígio – já lembradas pelo Professor J. M. Ribera Llopis numa recensão do volume *Literatura Comparada catalana i espanyola al segle XX* (Lleida, Punctum & Tricalt, 2007), na *Revista de Filología Románica* (UCM, Vol. 25, 2008), julgamos já ter comprovado que os estudos comparatistas peninsulares existem, que os diálogos entre as suas tradições têm vida e que, pela sua evidência, urge discuti-los. Recorde-se ainda que não se trata de iberismo político, muito menos futebolístico, mas sim de um dinamismo cultural, no qual se entende a constituição de um diálogo entre as tradições peninsulares. Poder-se-á apresentar o espaço ibérico como espaço plural e projectado num mundo global, ou seja, tirando partido das vantagens da sua pluralidade, poderá também ser compreendido internacionalmente.

Rita REIS